

OS ESPAÇOS DA FÉ NA CIDADE:

Mapeamento das Práticas Religiosas no Rio de Janeiro no início do Século XX

The Spaces of Faith in the City:

Mapping the Religious Practices in Rio de Janeiro in the Beginning of XXth Century

Los Espacios de Fe en la Ciudad:

Mapeo de las prácticas religiosas en Río de Janeiro a principios del siglo XX

Naylor Barbosa Vilas Boas PROURB/FAU/UFRJ | naylor.vilasboas@fau.ufrj.br

Verena Andreatta ETSAB/UPC | verena.andreatta@gmail.com

Diana Amorim PROURB/FAU/UFRJ | diana.silva@fau.ufrj.br

Talita Simão PROURB/FAU/UFRJ | talita.araujo@fau.ufrj.br

RESUMO

O artigo apresentado articula o tema da presença das crenças religiosas no centro da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, com métodos contemporâneos de mapeamento digital, a partir das fontes primárias relacionadas com a visão de cronistas que vivenciaram esta dimensão da cidade, às vésperas das grandes transformações urbanas trazidas pela Modernidade. Partindo dos textos de João do Rio e Luiz Edmundo, busca-se visualizar a localização dos lugares e personagens presentes em seus relatos, revelando a coexistência das diversas crenças religiosas para além das igrejas que formavam a matriz básica e mais visível da religião no espaço urbano. Ao final, comparações com a cidade atual nos revelam as transformações da sua forma e dos seus usos que, no período de um século, modificaram profundamente o caráter do centro do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Mapeamento, Religião, Rio de Janeiro, Sociedade.

Linha de Investigação:

B1_Teoria e História da Cidade e do Território;

ABSTRACT

The presented article articulates the theme of the presence of religious beliefs in the central area of Rio de Janeiro, in the beginning of XXth century, with contemporary methods of digital mapping, from the primary sources related with the chronists views that experienced this dimension of the city, in the eve of the great urban transformations brought by Modernity. From the chronicles of João do Rio and Luiz Edmundo, we seek to visualize the location of places and characters present in their reports, revealing the coexistence of various religious beliefs far beyond the churches which formed the most basic and visible matrix of religion in urban space. In the end, comparisons with nowadays city reveal the transformations of its form and uses that deeply modified its character in the period of a century.

Keywords: Mapping, Religion, Rio de Janeiro, Society.

Linha de Investigação:

B1_Theory and History of the City and the Territory;

RESUMEN

Este artículo trata de los diversos centros religiosos presentes en el área central de la ciudad de Río de Janeiro, en inicios del siglo XX, y ha sido elaborado utilizando un método digital apropiado. Se ha buscado en los escritos y visiones propias de los cronistas brasileños de la época, como son João do Rio e Luiz Edmundo, que vivieron en la ciudad precisamente cuando se dieron importantes transformaciones urbanas. A partir de esos textos fue posible ubicar lugares y personajes lo que posibilitó revelar la coexistencia de diversas creencias religiosas en el espacio urbano, más allá de las iglesias católicas que formaban la matriz más visible de la religión oficial. Así, nos ha sido posible comparar la ciudad actual y la preexistente en el pasado, detectando las transformaciones de usos y forma urbana, que han sido tan importantes que han modificado el carácter urbano y social de Río de Janeiro.

Palabras clave: Mapeo, Religión, Rio de Janeiro, Sociedad

Linha de Investigação:

B1_Teoría e Historia de la Ciudad y el Territorio;

1. Introdução

Este estudo pretende explorar o tema da religião na cidade do Rio de Janeiro através do mapeamento digital, tendo como objetivo representar os espaços ocupados pelas diferentes manifestações religiosas existentes na sua área central, nos primeiros anos do século XX. Com isso, pretende-se evidenciar os difusos limites entre eles, muito já comentado pelos diversos cronistas do passado, e que constituem uma das matrizes fundamentais da cultura brasileira.

Tomamos como limites do estudo a área central do Rio de Janeiro inicialmente delimitada pelo Atlas da Evolução Urbana do Rio de Janeiro, de Eduardo Canabrava que, através de diversas pranchas, representa a área desde o século XVI. Sua obra é uma referência fundamental na historiografia da cidade e demonstra com clareza, ao considerar o tempo como uma importante categoria de representação, as transformações que a área sofreu ao longo de sua história. Especificamente nos debruçamos sobre as primeiras duas décadas do século XX, período das maiores transformações urbanas até então, relacionadas com os ideais de reformas que o novo século traria consigo.

No sentido colocado por Aldo Rossi (Rossi, 1966), alguns “fatos urbanos” podem ser identificados como definidores dos rumos de desenvolvimento da área no início do século XX. Intervenções icônicas, representativas de uma nova maneira de pensar a cidade, reflexo de uma sociedade que experimentava grandes transformações políticas e sociais com a abolição da escravidão e a Proclamação da República. Assim, a abertura da Av. Central, bem como a demolição do Morro do Castelo e a Exposição do Centenário, duas décadas depois, são os rebatimentos no tecido urbano dos processos pelos quais o Rio de Janeiro passava naquele período.

No entanto, não se trata somente dos grandes eventos como os citados. Trata-se também das lentas transformações do tempo cotidiano, cujo devir histórico só é melhor percebido posteriormente. É o caso do gradual desaparecimento do secular bairro da Misericórdia, situado ao lado do Morro do Castelo que, ao contrário deste, foi desaparecendo da paisagem ao longo das décadas seguintes. Lentas transformações que também modificam a cidade, suas práticas sociais e os modos de vida que as definem e que, no caso do centro do Rio de Janeiro, não sobreviveram à chegada da Modernidade.

O trabalho se volta para aqueles que olharam e viveram este cotidiano, registrados nos textos de diferentes cronistas, tendo como recorte específico o tema da religião. Neste contexto, João do Rio, Luís Edmundo, entre outros, nos falam da multiplicidade das crenças religiosas na cidade, das pessoas a elas associadas bem como das experiências vividas entre elas. Em alguns casos, nos dão até seus endereços. Em vívidas descrições, nos falam sobre os ambientes onde viviam e exerciam suas práticas. Assim, o trabalho tem como objetivo tornar visível, através do mapeamento, a presença das práticas religiosas relatadas pelos cronistas e, com isso, permitir um entendimento espacializado desta dimensão social que era parte constituinte da área central. Posteriormente, um mapeamento destes lugares na atualidade nos dará uma dimensão exata das transformações ocorridas ao longo do século naquela parte da cidade.

Parte-se da reportagem de João do Rio, “As Religiões do Rio”, publicada em 1906, onde o autor relata suas experiências nas visitas a representantes das várias religiões do Rio, tão díspares quanto “Feiticeiros”, “Positivistas” ou “Satanistas”. Seus relatos muitas vezes nos indicam nomes de pessoas e seus endereços, sendo que tal tipo de informação constitui elemento importante para a pesquisa. Luís Edmundo também nos fala sobre a presença das religiões africanas no Morro do Castelo em seu livro “O Rio de Janeiro do Meu Tempo”, editado originalmente em 1938, tema visitado também por Machado de Assis no início de seu romance “Esaú e Jacó”, de 1904. Trabalhos contemporâneos, como o livro “O Império do Divino: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro (1830-1900)”, da historiadora Martha Abreu (Abreu, 1999), fornecem o panorama teórico para o embasamento da pesquisa.

A abordagem aos cronistas clássicos do Rio de Janeiro vai em busca de relatos que possam ser situados no espaço urbano, onde constituirão uma base de dados passíveis de serem associados aos mapas históricos da cidade. Neste sentido, se associam ao conceito de “micronarrativas urbanas” (Vilas Boas, 2019), fragmentos narrativos do cotidiano, relacionados com o tema da religião, que devem conter a identificação de eventos, pessoas e lugares como condição necessária para sua transformação em informação mapeável. Neste sentido, a pesquisa se insere na tradição da Micro-História (Levi, 1991), procurando levar para o campo da Gráfica Digital as premissas de investigação historiográfica preconizadas por seus autores.

Trata-se da base metodológica que vem norteando as pesquisas do Laboratório, onde procura-se explorar o campo dos Sistemas de Informações Geográficas Históricas (HGIS), em consonância com experiências realizadas em diferentes universidades e centros de pesquisa. A pesquisa discutida neste artigo está inserida numa trajetória mais ampla de explorações realizadas pelo grupo, que se articulam a partir do uso de modelos urbanos digitais, que procuram contribuir, com outros pontos de vista, para a construção do conhecimento sobre a história urbana do Rio de Janeiro.

2. O Rio de Janeiro na aurora da Modernidade: Transformações sociais e urbanas na capital do Brasil

Para entender as transformações ocorridas no início do século XX no Rio de Janeiro é fundamental entender o século XIX, um período histórico de grandes movimentações na esfera política e social com rebatimentos importantes no âmbito espacial da cidade. Os fatos são conhecidos: a instalação da corte portuguesa em 1808; o fim do regime de escravidão em 1888 e a conseqüente implosão das antigas hierarquias sociais e raciais; o aumento da população livre e pobre; a crescente vitalidade econômica cafeeira; e no final do século, a Proclamação da República elevando-a como capital federal.

A expansão da acanhada colônia portuguesa, com exponencial aumento da população em cem anos, transtornaram a vida urbana (Pinheiro, 2010, p. 210), os valores sociais, religiosos e a saúde da população impondo enormes desafios à existência na urbe. Este entendimento dos problemas da cidade foi o que norteou as primeiras ideias de ordenação e modernização do seu aspecto físico, já em meados do século XIX, culminando com as reformas conduzidas pelo presidente Rodrigues Alves e pelo Prefeito Pereira Passos entre 1902-1906, e podem ser observadas em três documentos emanados pelo poder (Andreatta, 2008).

O plano do engenheiro Beaurepaire-Rohan (1843) buscou analisar os problemas da cidade e propôs várias recomendações para o funcionamento dos mercados, matadouros, hospitais, cemitérios e trapiches, apresentando como sugestão a demolição do Morro do Castelo para aeração do núcleo urbano. O plano da Comissão de Melhoramentos (1875-76), elaborado por engenheiros politécnicos – Pereira Passos, Marcelino Ramos e Jerônimo Jardim, incidiu sobre um extenso apanhado de soluções para a infraestrutura de saneamento da cidade e normas reguladoras para a edificação. Ademais, apresentou um esquema de drenagem dos afluentes das bacias do canal do mangue e expôs um programa de obras e infraestrutura dos novos serviços urbanos e portuários.

Essas ideias de planificação não resultaram em programa de obras imediato, mas conjugavam-se com as práticas que vinham ocorrendo na modernização do Rio de Janeiro pelas mãos das empresas concessionárias de serviços urbanos, que em última instância foram as responsáveis pelas primeiras infraestruturas de saneamento e transportes à época. Em finais do século XIX, a cidade dispunha de incipiente rede de abastecimento de água e esgotos. As linhas de bondes haviam sido implementadas no centro e nos bairros mais ao sul, como Laranjeiras, Jardim Botânico e Copacabana, enquanto que as linhas ferroviárias partiam do centro em direção ao norte passando por São Cristóvão, Méier, etc.

O duplo efeito da expansão provocada pelos bondes e trens consistiu em deslocar das classes populares para fora da área central incrementando os subúrbios enquanto as classes mais abastadas começavam a se instalar em bairros afastados como Santa Tereza, Laranjeiras e Botafogo, fugindo da aglomeração e das epidemias. Segundo Martha Abreu, *“através dos pedidos de licença para festas religiosas solicitados à Câmara Municipal, constata-se que ao longo do século, não cessaram de surgir novas irmandades, ao lado das mais antigas e tradicionais, o que evidenciava uma certa sintonia entre a criação de irmandades e a expansão da cidade pelos seus subúrbios”* (Abreu, 1999, p. 36).

No início do século XX, o plano de Pereira Passos conduziu a uma reforma urbana que teve a virtude de ser efetivamente realizada. Engenheiro, profundo conhecedor do território da cidade, planejou seu crescimento mediante a concessão de bondes, de empreendimentos imobiliários e a introdução das companhias elétricas. Passos tornou-se conhecido como agente da nova república mercantil e liberal. As transformações do espaço urbano com as obras portuárias – o Cais da Gamboa, a remodelação da Praça XV, a abertura da Av. Central, hoje Rio Branco, e da Av. Beira Mar, entre as obras mais significativas, provocaram uma grande expansão da escala da cidade, mas que, por outro lado, levaram à expulsão de grandes contingentes da população para fora do centro.

Buscando relacionar as transformações urbanas com as mudanças sociais e a temática dos espaços da fé na cidade, pergunta-se: como se articulavam os espaços religiosos da área central nesse contexto de ideias, planos e obras? Quais eram os marcos espaciais estruturadores dessa cidade em transformação?



Figura 1: Saída da missa na Igreja de São Sebastião, no Morro do Castelo. Fonte: Coleção Sebastião Lacerda / Acervo IMS.

A contribuição dos marcos religiosos católicos para a organização do espaço urbano nos períodos colonial, imperial e republicano pode ser lida no estudo da arquiteta Rachel Sisson sobre as centralidades urbanas (Sisson, 2008). Esses lugares constituíam-se em espaços de poder ao integrar as sedes governamentais com as religiosas, sendo que o marco colonial era representado pelo ambiente formado no Largo do Paço (atual Praça XV) com a Casa dos Governadores no Paço Real. Neste contexto, as influentes ordens dos Carmelitas e dos Terceiros do Carmo elevaram a Igreja do Carmo de Capela Real à Catedral, reforçando a presença dessa instância de poder neste lugar onde essas arquiteturas históricas permanecem atualmente.

O período imperial, por sua vez, transferiu a organização do espaço do poder monárquico para o campo da cidade, onde a construção da capela de Santana firmou a denominação como Campo de Santana. O principal marco religioso deste campo, a Igreja de Santana, no entanto, foi demolida em 1858, dando lugar à Estação da Estrada de Ferro D. Pedro II (atual Central do Brasil). Embora o marco mais importante religioso tenha sido substituído por um “profano”, este novo centro foi sendo desenvolvido com usos institucionais (Casa da Moeda, Sede Municipal etc.), mas contava ainda com o marco religioso do período colonial a Igreja de São Jorge na Rua da Alfândega, junto ao campo.

O Campo da Ajuda, com a Ermida N. Sra. da Ajuda, no Largo da Mãe do bispo, definiu o marco republicano após a sua remodelação completa no início do século XX, com a abertura da avenida Central (hoje Rio Branco), com o primeiro corte no Morro do Castelo e a Praça Marechal Floriano (mais tarde conhecida também como “Cinelândia”), com os prédios da Câmara Municipal, do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional.

A substituição de marcos religiosos católicos como principais referências no meio urbano foi uma constante na modernização do Rio iniciada no século XIX. E, não só os marcos católicos mais emblemáticos foram destruídos nas cirurgias urbanas do século XX, tais como a demolição integral do Morro do Castelo, com suas

igrejas, catedral, escola de jesuítas; mas também com a abertura da Presidente Vargas em meados deste século em que, além da demolição de quatro igrejas, inúmeros locais de culto de outras religiões também desapareceram.

3. Sociedade, religião e cotidiano na visão dos cronistas

As transformações da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX foram percebidas pela população não só a partir das intervenções físicas sobre a cidade, mas também pelas mudanças nas relações sociais intrínsecas a elas. Mesmo diante deste cenário, muitas tradições religiosas permaneciam sendo exercidas pelos cidadãos, as quais foram tema de alguns cronistas como João do Rio, Luís Edmundo, Joaquim Manoel de Macedo, entre outros.

O jornalista João do Rio (1881-1921) contribuiu com os relatos sobre a sociedade e as religiões de seu tempo. Através de obras como “As Religiões do Rio”, publicada em 1906 (Rio, 1976), que nasce de reportagens semanais sobre o tema, e sua obra fundamental “A Alma Encantadora das Ruas”, publicada em 1908 (Rio, 1995), foi possível constatar a diversidade de devoções que coexistiam na cidade. Em seus passeios, transita por diferentes manifestações religiosas, visitando tanto o Candomblé, como os Maronitas, Positivistas, Satanistas ou as “Sacerdotisas do Futuro”. Segundo o autor, “o Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa. (...) Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á.” (Rio, 1976:1).

Muitas de suas narrativas apresentam informações passíveis de serem localizadas no espaço urbano. Em suas descrições sobre os “Feiticeiros”, por exemplo, nos revela alguns personagens: “Conheci só um dia a Isabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da rua Frei Caneca” (Rio, 1976:11). Em outras descrições nos fala sobre os lugares: “Fizemos outro dia até um despacho com os dentes, os olhos de um carneiro, jabutis, ervas e duas orações no Campo de Santana, conhecido como Praça da República.” (Rio, 1976:21). O autor também revela figuras notórias, como Apotijá, do Candomblé, “mina famoso pelas suas malandragens, que mora na rua do Hospício [atual rua Buenos Aires], 322 e finge de feiticeiro falando mal do Brasil.” (Rio, 1976:11).

Um outro olhar para a cidade e suas religiões também pode ser visto na obra de Luís Edmundo (1878-1961), “O Rio de Janeiro de meu Tempo”, publicado em 1938. Em seu livro, também estão descritas as relações sociais cotidianas, os lugares e suas expressões religiosas. Dentre as suas descrições, aquelas relacionadas com o desaparecido Morro do Castelo são fontes essenciais para compreender o lugar. O autor nos conta sobre a presença significativa de fiéis no morro por conta da Igreja de São Sebastião, que surgiam na paisagem “às quatro horas da manhã, nas vésperas de sábado, quando a cidade ainda dorme em silêncio, pontilhada de luzes, já andam sombras humanas subindo a encosta da montanha, massa piedosa que caminha em direção à que foi a Sé, outrora.” (Edmundo, 2003:140).

Mas havia outras atividades religiosas no local, como o Candomblé, na “casa de João Gambá de Luanda, na Travessa do Castelo, a macumba estadeia. (...) Íntimo do célebre feiticeiro Apotijá, o da Rua do Hospício, e do qual nos fala sempre João do Rio” (Edmundo, 2003:137). Neste trecho, o autor evidencia as trocas e interrelações dos personagens e de suas práticas. A multiplicidade religiosa estava no território e em suas complexas relações sociais, pois “por vezes, esses que se acreditam piedosíssimos cristãos, deixando a igreja dos Barbadinhos, cruzam a Travessa do Castelo, onde está a macumba do preto João Gambá.” (Edmundo, 2003:143).

As crônicas destes autores clássicos possibilitam o entendimento sobre a diversidade de religiões e seus espaços, pessoas e manifestações que ocorriam na cidade. Ao identificarem os endereços dos templos, terreiros, igrejas e outros lugares, abrem caminho para um olhar para o tempo e para as transformações, na medida em que permite a comparação com a cidade atual, possibilitando a constituição de uma base de dados a ser associada aos mapas históricos e outras formas de representação gráfica.

4. Crônicas do espaço urbano: Uma abordagem através do mapeamento digital

No contexto das pesquisas do laboratório, procura-se neste momento explorar as interfaces entre os relatos dos cronistas e a sua visualização no espaço urbano através do mapeamento, que se dão no diálogo entre os campos da Literatura e da Historiografia Urbana, intermediados pela Representação gráfica. Neste sentido, convém traçarmos considerações a respeito do campo de conhecimento onde esta abordagem se situa, bem como dos aspectos metodológicos do presente estudo.

Ao longo da última década, vimos a emergência dos Sistemas de Informação Geográfica (GIS, em inglês), incorporados em aplicativos que tornaram a associação de informações digitais ao espaço físico um fato corrente do cotidiano, fazendo com que a lógica do geoprocessamento fosse incorporada nas práticas de representar a cidade. Parte fundamental desta lógica, as informações georreferenciadas são a “matéria-prima” para a construção destas interconexões com o espaço urbano, que se tornam possíveis a partir da criação dos bancos de dados que irão alimentar esses sistemas.

No entanto, não só informações atuais são passíveis de serem utilizadas. De fato, o GIS histórico (HGIS), sistemas de informações geográficas preocupados com os processos históricos que constituíram os territórios culturais humanos, é um campo de conhecimento que vem revelando importantes aspectos destes processos, e atualmente se configura como um poderoso método historiográfico na área das Humanidades Digitais.

Os exemplos são numerosos, a começar pela “experiência divertida” (Baresel et. al, 2022) de interpretar digitalmente o que é considerado o primeiro uso de um sistema de informação espacializado, o mapa feito pelo médico John Snow em 1854 que, no contexto de uma epidemia de cólera, associou a localização das mortes à posição das fontes de água existentes em Londres, o que levou à descoberta daquelas que estavam contaminadas. A partir das informações originais disponibilizadas em formatos digitais georreferenciados, os autores puderam transformar o mapa de Snow em informação tridimensional. Segundo os autores, a tridimensionalização “ajuda a visualizar onde as mortes ocorreram na sua correta posição geográfica, o que é importante para aferir a distância às fontes de água mais próximas. Também no mapa bidimensional, as informações podem se sobrepor ou se estender para outros elementos do mapa”.

No entanto, informações tridimensionais não torna os mapas bidimensionais menos expressivos, já que sua qualidade depende principalmente da articulação e representação das suas informações, sejam quais forem. Mesmo as mais simples, como o ano de construção de um lote, se visualizadas em conjunto na escala urbana, podem revelar dinâmicas importantes de desenvolvimento de uma cidade. É o caso da experiência “*Urban Layers*”, do grupo *Morphocode*, que mapeia, em diferentes cores, o ano de construção de milhares de edifícios de Manhattan. O resultado é uma visão espacial, temporal e interativa da ocupação da ilha, onde é possível perceber as dinâmicas de desenvolvimento.

Outras experiências relacionadas com o HGIS partem de estruturas de dados mais complexas, cujos resultados são avanços importantes no campo. No contexto do Rio de Janeiro, a plataforma *ImagineRio*, criada por professores da Universidade de Rice, nos EUA, e desenvolvida com a participação de pesquisadores brasileiros, é uma enorme contribuição para a cidade, na medida em que associa fotografias históricas das coleções de importantes instituições culturais com mapas históricos da cidade, articulando em um único espaço digital uma quantidade expressiva de informações visuais sobre a história da cidade.

Além de ter se tornado uma fonte de pesquisa, a estrutura do *ImagineRio* também possibilitou a criação da plataforma *Rio Story Maps*, que permite a criação de narrativas históricas pelos próprios historiadores, ao fornecer a interface necessária para a articulação de textos, imagens e mapas históricos. Em recente experiência, vários pesquisadores foram convidados para utilizar a plataforma, dando origem a uma série de interessantes narrativas. Podemos destacar a narrativa criada a partir de um conto de Machado de Assis (Andreatta, 2021), posteriormente aprofundada em um artigo (Andreatta e Vilas Boas, 2021), e precursora da pesquisa aqui apresentada.

Em relação à pesquisa aqui exposta, partiu-se da leitura de cronistas que falam sobre a cidade no início do século XX, principalmente os já citados João do Rio e Luís Edmundo. Como prova de conceito, tal opção foi feita para avaliar se suas narrativas poderiam ser definidas como “micronarrativas urbanas”. Também era de interesse verificar se tais informações existiam em quantidade suficiente para constituir um universo de dados significativo, considerando a necessidade de se estabelecer um conjunto mínimo para um resultado relevante em termos historiográficos.

Foram separados do texto original os fragmentos narrativos que continham essas informações, que foram posteriormente decompostos em blocos de informação organizados em uma tabela como uma etapa inicial da criação de um banco de dados. Assim, informações como a religião, a rua, o número da casa, o

personagem e o endereço atual correspondente definiram categorias importantes de descrição dos dados a serem mapeados. Nesta etapa da pesquisa, optou-se por um mapeamento mais simples, baseado na plataforma *Google Earth*, considerando que a base de dados pode ser posteriormente transposta para outras plataformas ou sistemas HGIS mais complexos.

Personagem	Rua	Número	Religião	Autor	Citação	Fonte	Rua atual	Atividade Atual
Macário	Rua da Alfândega	304	Candomblé	João do Rio	"Esta é de força. Não tem navalha, finge de mãe-de-santo e trabalha com três ogans falsos - João Ratão, um moleque chamado Macário e certo cabra pernóstico, o Germano. A [mãe-de-santo] Assiata mora na rua da Alfândega, 304." (p. 9).	RIO, J. DO. As Religiões do Rio. [s.l.] Nova Aguilar, 1976.	Rua da Alfândega	Sobrado com uma joalheria no térreo
Germano	Rua da Alfândega	304	Candomblé	João do Rio	"Esta é de força. Não tem navalha, finge de mãe-de-santo e trabalha com três ogans falsos - João Ratão, um moleque chamado Macário e certo cabra pernóstico, o Germano. A [mãe-de-santo] Assiata mora na rua da Alfândega, 304." (p. 9).	RIO, J. DO. As Religiões do Rio. [s.l.] Nova Aguilar, 1976.	Rua da Alfândega	Sobrado com uma joalheria no térreo
Isabel	Rua Frei Caneca	s/d	Feticheiros	João do Rio	"Conheci só num dia a Isabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da rua Frei Caneca" (p.11).	RIO, J. DO. As Religiões do Rio. [s.l.] Nova Aguilar, 1976.	Rua Frei Caneca	Rua majoritariamente comercial
Leonor	Rua Frei Caneca	s/d	Feticheiros	João do Rio	"Conheci só num dia a Isabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da rua Frei Caneca" (p.11).	RIO, J. DO. As Religiões do Rio. [s.l.] Nova Aguilar, 1976.	Rua Frei Caneca	Rua majoritariamente comercial

Figura 2: Análise e recomposição das micronarrativas urbanas contidas nas crônicas em blocos de informações mapeáveis.

Este processo nos revelou três diferentes tipos de micronarrativas urbanas existentes nas crônicas: as mais completas nos falam de personagens e seus endereços, localizando uma pessoa, ou um grupo de pessoas, em um local bem definido da cidade. Existem também aquelas que nos falam de um personagem associando-o a uma rua, mas não a um endereço específico. Ainda que menos definida, tal informação também cumpre os requisitos para seu mapeamento. Finalmente, uma terceira categoria nos fala de lugares da cidade, mas não os associam a nenhum personagem específico.

Somente estes dois autores nos forneceram cerca de 100 micronarrativas urbanas, o que forma um conjunto considerável de informações. A ampliação da pesquisa para outras fontes primárias, como jornais e periódicos, começa a revelar algumas outras informações, muitas relacionadas com a presença "ilegal" das religiões africanas na cidade. A exploração destas fontes se encontra em seus estágios iniciais e deverá ser ampliada posteriormente.



Figura 3: Personagens relacionados com as diferentes religiões citados por João do Rio são localizados no espaço urbano sobre mapa de Edward Gotto. Pode-se notar a coexistência das crenças com os espaços da fé católica representados pelas igrejas da cidade.

5. Transformações no tempo: Uma análise à luz da cidade contemporânea

Diante dos resultados dos mapeamentos obtidos, foram percebidas as transformações no tempo quando analisamos os relatos dos cronistas em relação à atual configuração espacial do centro do Rio de Janeiro,

evidenciando as presenças e as ausências, as memórias e os esquecimentos (Ricoeur, 2007), de uma cidade em transformação.

Tomando como base a tabela elaborada para organizar as informações recolhidas no texto, foi acrescentada a coluna “Atividade atual”, que descreve as situações presentes dos cerca de 100 lugares descritos nas crônicas. Assim, nesse processo de identificação destes lugares atualmente, pode ser observado o grande contraste entre os diferentes tempos, o que levanta as seguintes questões: o que esses lugares se tornaram na cidade contemporânea? E ainda existe a presença de religiões tão diversas no centro da cidade?



Figura 4: Aspecto atual de um dos lugares do Candomblé na rua da Alfândega visitado por João do Rio. Fonte: Google Maps.

Essas informações puderam ser mapeadas a partir da identificação inicial das indicações dos cronistas na cidade, feitos no mapa da cidade elaborado por Edward Gotto (Gotto, 1871), um dos primeiros a representar com precisão a cidade na escala de seus lotes, sobreposto à base digital da plataforma Google Earth, que representa a cidade atual. Pode-se aferir que boa parte das ruas que possuíam particularidades comerciais no início do século XX permaneceram com essas funções, apesar de que algumas tornaram-se inexistentes ou foram fortemente modificadas em seu contexto urbano original.

Pode-se compreender a escala de algumas destas intervenções urbanas a partir da identificação das ruas que desapareceram com a abertura da Avenida Presidente Vargas, no período do Estado Novo (1937-1945). Naquela intervenção, parte da estrutura colonial do centro da cidade do Rio de Janeiro foi transformada em uma extensa avenida, trazendo importantes mudanças sociais e urbanas para a região. Atualmente, é possível perceber que esta região se tornou majoritariamente comercial e administrativa, encobrendo parte da história social-religiosa dos moradores da região.

No entanto, ruas como a Rua do Ouvidor, Rua da Alfândega, entre outras, permaneceram com suas formas urbanas pouco alteradas, permitindo a presença por maior tempo de práticas religiosas da época. Um exemplo de continuidade se encontra nos relatos de João do Rio, em que exalta a presença do “Movimento Evangélico da Igreja Presbiteriana” na “Travessa da Barreira” (Rio, 1976:38). Atualmente, o local se chama Rua Silva Jardim, onde se situa a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. A permanência dessas atividades define um valor significativo ao lugar, independente das transformações do contexto urbano ao seu redor. No entanto, em outros espaços de atividades religiosas indicados por João do Rio a transformação urbana é radical, como no caso da Rua Bom Jardim, onde se encontravam os “Feiticeiros”, e que no presente se trata da Rua Marquês de Sapucaí, onde se localiza o Sambódromo do Rio.

Na articulação entre as informações dos cronistas, dos mapas históricos e da representação digital foi possível localizar os pontos onde os cidadãos cariocas exerciam sua religiosidade no início do século XX. A identificação dos mesmos lugares na atualidade auxiliou no reconhecimento das continuidades dos usos

religiosos em alguns daqueles pontos da cidade, e também das descontinuidades dessas atividades em outros. Em outros casos, também foram reconhecidas as rupturas, a partir da identificação de lugares que deixaram de existir na malha urbana, substituídos por outros a partir das grandes intervenções urbanas que transformaram o centro do Rio de Janeiro ao longo do último século.

Referências

- Abreu, M. (1999). *O Império do Divino*. Nova Fronteira.
- Andreatta, V. (2021). *A vida do estudante Josino no Rio de Janeiro do séc. XIX. Interpretação da obra "Uma por Outra" Machado de Assis - 1897*. Rio Narratives. <https://narratives.imagerio.org/view/600b0120c405e1001898850c>
- Andreatta, V. e Vilas Boas, N. (2021). *Words, Drawings and Digital Representation: Visual Interpretations of the Narratives of Machado de Assis in Morro do Castelo*. Revista Produção e Desenvolvimento (Rio de Janeiro), 7, 1-20.
- Andreatta, V. (2008). *Atlas dos Planos Urbanísticos do Rio de Janeiro: De Beaurepaire-Rohan ao Plano Estratégico* (1o ed). ViverCidade.
- Baresel, J., Lau, C. y Nicola, R. ([s.d.]). *The cholera map that changed the world*. Recuperado 26 de março de 2022 de <https://ralucanicola.github.io/cholera-map-3D/>
- Edmundo, L. (2003). *O Rio de Janeiro de meu Tempo* (Vol. 1). Senado Federal.
- Gotto, E. (1871). *Plan of the city of Rio de Janeiro: Brazil*. Thereza Christina Maria. <http://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/35546>
- Levi, G. (1991). *Sobre a micro-história*. Em A Escrita da História: Novas Perspectivas (p. 133–161). Universidade Estadual Paulista.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Unicamp.
- Rio, J. do. (1995). *A Alma Encantadora das Ruas* (Vol. 4). Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de editoração.
- Rio, J. do. (1976). *As Religiões do Rio* (Vol. 47). São Paulo: Nova Aguilar.
- Rossi, A. (1966). *L'Architettura della Città* (1. ed). Venezia: Marsilio Editori.
- Sisson, R. (2008). *Espaço e Poder: Os Três Centros do Rio de Janeiro e a Chegada da Corte Portuguesa*. Arco.
- Urban Layers: Explore the structure of Manhattan's urban fabric*. ([s.d.]). Morphocode. Recuperado 26 de março de 2022, de <http://io.morphocode.com/urban-layers/>
- Vilas Boas, N. (2019). *The Dawn of Modernity in Rio de Janeiro: Historiographic Approaches to Digital Mapping the Everyday Life of a Changing City*. Dicult: Scientific Journal on Digital Cultures. Digital Art and Humanities for Cultural Heritage [special issue], 4(2), 14.